

SIQUEIRA, Ana Maria de Paula (PUCSP)

Investigando o Pensamento da Criança de 8 anos – contribuição de Henri Wallon

GT: Psicologia da Educação

Introdução - O objetivo da pesquisa foi procurar conhecer, analisar e interpretar o pensamento da criança de 8 anos, com base no referencial teórico walloniano. Ao ler As Origens do Caráter na Criança, minha atenção foi despertada para o teórico, metódico e paciente Henri Wallon, que me clareava o processo de formação do caráter na criança desde a sua gênese, evidenciando uma preocupação constante com o substrato orgânico de todas as funções psíquicas, que investigava. Ao trabalhar com os grandes temas movimento, emoção, inteligência e pessoa, e enfatizar a importância do meio, ele me mostrava uma outra forma de abordar a criança. Lendo As Origens do Pensamento na Criança, mais evidente ficou que a teoria psicogenética seria um caminho para entender a criança de 8 anos em seu processo de desenvolvimento. As leituras levaram-me à hipótese de que, no período de alfabetização, que coincide com o período pré-categorial de Wallon, as incoerências, as contradições, as fabulações, que as crianças apresentam para resolver as questões que lhes são propostas, e que são decorrentes desse período de formação, podem se constituir em entraves para o relacionamento professor / aluno e dar origem aos chamados “problemas de aprendizagem,” desde que o professor não tenha conhecimento das características desse tipo de pensamento. Pareceu-me então, relevante, partindo da proposta teórica de Henri Wallon, propor um estudo empírico que facilitasse a compreensão desse período e servisse de subsídio para o trabalho dos professores que atuam nos primeiros anos de escolarização. No estágio categorial caracterizado também como idade escolar, a criança começa a se situar no mundo do saber escolar. Aqui a autodisciplina mental que Wallon designa como atenção, se estabelece graças à maturação dos centros nervosos de inibição e discriminação perceptiva ou mental. Como a atenção está inicialmente ligada ao esforço, ele se traduz em atividades e postura conectadas com a vida orgânica e psíquica. Para Wallon, o eixo do desenvolvimento é sempre do sincretismo para a diferenciação. A criança sai do pensamento sincrético, global, que se manifesta pela descontinuidade (inércia) e persistência das idéias (perseveração), ligadas ao mundo sensorial (viscosidade), pensamento este fragmentado, não reversível e misturado ao objeto, e vai chegar ao pensamento categorial, que se caracteriza pela velocidade e flexibilidade das idéias e principalmente, pela capacidade de estabelecer relações. Nesse percurso, tem que enfrentar obstáculos que decorrem de sua experiência pessoal, da linguagem que domina e da tradição. A origem do pensamento vem tanto da experiência pessoal, como do que aprende através do meio (familiar, religioso, mitológico), e pode haver contradição entre as duas formas de conhecimento. Os obstáculos podem levar a criança a ter mau contato com seus interlocutores, a apresentar atitudes sistemáticas de ignorância ou de negação e respostas de contorno. As insuficiências do pensamento levam a criança a apresentar elipses de linguagem e elipses de imagem. São as contradições que dão força ao desenvolvimento. É o enfrentamento delas que faz a criança ir mudando de nível. É principalmente com a ajuda do adulto que a criança vai vencendo as contradições.

Wallon identificou ,ainda ,nesse período, as estruturas que são o elemento do pensamento

nessa fase – os pares. Frequentemente os pares se formam por contrastes ou oposições, embora possam também ter como vínculo a semelhança. O ponto de partida da inteligência discursiva da criança é o par; ele sustenta o pensamento sincrético.

Metodologia – A pesquisa ocorreu em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental na Zona Leste da capital de São Paulo. Como minha preocupação era estudar o pensamento na criança no período de alfabetização, portanto, pré – categorial segundo Wallon, considerei que os sujeitos estariam no 1º- ciclo do ensino fundamental.

Considerando ainda que, para poder trabalhar com textos produzidos pelas crianças, elas deveriam apresentar domínio do sistema alfabético de representação da escrita, o que normalmente ocorre por volta da 2ª série, optei então por buscar os sujeitos nessa série. Todos os 96 alunos matriculados em três classes dessa série, foram solicitados a escrever uma redação sobre o tema “Era um vento”, por ser de inteiro conhecimento de todas as crianças o fenômeno vento. Feito o levantamento das idades, das noventa e seis crianças, percebi que as idades oscilavam entre sete e quinze anos. A amplitude desse intervalo forçou-me a um reestudo da situação, e optei por analisar a formação do pensamento nas redações das crianças de oito anos, num total de trinta e uma. Como meu critério era trabalhar com textos de crianças que apresentam domínio do sistema alfabético de representação da escrita, cinco foram retiradas. Restaram, portanto, vinte e seis textos para análise. Os dados foram analisados em dois momentos: análise das redações *de per se* e discussão do conjunto de dados. As redações selecionadas foram identificadas pelo pré – nome das crianças e analisadas uma a uma. Para identificar o pensamento molecular, ou seja a estrutura binária (par), segundo Wallon, e todo o edifício posterior das relações que este suscitou, optei por apresentar apenas duas redações para compor o “corpus” dessa apresentação.

Nome: Anderson - 8 anos

“ Era um vento bem bem forte vai na cidade para estragar as coisa. Muitas pessoas ficaram com medo ,chorando e ai o vento dava risada. O vento estragou tudo e até um prédio. Vento pare essa cidade é dos ricos disse uma pessoa. O vento ficou muito furioso e disse eu vou é destruir o México. O povo do brasil ficou muito contente porque o vento foi destruir o México. A ventania chegou ao México o vento mandou traze seus 37 amigos ventos. O vento prefeito rei do do vento disse; sabe vamos destrui todos o pais menos o brasil o vento prefeito mas a gente : destruimo tudo Chefe. E assim o vento foi para a cadeia”.

A escrita num processo mediador entre a criança e sua realidade natural e social, passa a representar o domínio dessa realidade. Quando Anderson escreve “...vai para a cidade estragar tudo...”, o seu pensamento demonstra sua luta contra a insuficiência de organização mental, vai indicando os caminhos que o vento pensado vai passando.

“ ...vento pare essa cidade é dos ricos disse uma pessoa. O vento ficou furioso e disse eu vou destruir o México...Aqui o efeito mecânico do vento tronou-se numa ação mais destrutiva, com a representação incoerente e sincrética do vento, que após destruir tudo vai para a cadeia. O ir para a cadeia é o resultado de uma das fontes de conhecimentos que veio da experiência: quem destrói vai para a cadeia. É a forma de expressar a contradição pelo antropomorfismo. Para Wallon,

“Se a criança é capaz de construir personagens fantásticos ou de imaginar os personagens fabulosos dos contos, ela o faz sempre sob a forma sensível, por simples alteração dos traço que observa ao seu redor, e é no mundo de suas percepções que ela os faz existir, que ela pensa encontrá-los”.(Wallon,: 1989, 111).

Nome : Daniel – 8 anos

“Era uma vez um vento muito forte que destruiu muitas casas, prédios, e até torres e carros, lojas, disse que até deu um furacão. E o vento não acabava, foi um dia de vento, furacão e até tempestade xovia gigante. Na quele dia Deus até deseou na terra fim “

Para Daniel na formação dos pares a ação do vento vai mudando sua intensidade, de acordo com a situação pensada. ...”o vento não acabava foi um dia de vento furacão e até tempestade xovia gigante...” Parece que todos os pares vento/ furacão, furacão /tempestade, tempestade/ chuva, acabaram reunidos como se na verdade fossem resultado de um único efeito do vento. Vento como destruição é da vivência de Daniel, assim como a tradição que lhe diz sobre a existência de Deus, que desce à Terra para livrar as pessoas. Providencialismo e artificialismo juntam-se para unir o céu e a terra. Daniel recorre a um agente providencial para que a primeira causa recue. Ele dispõe para tanto apenas de sua experiência cotidiana. Existe a confusão entre os planos da Providência, advinda da tradição do meio e os fenômenos da natureza.

Resultados – A análise das redações mostrou que, com relação ao vento, todas as crianças buscaram identificá-lo, individualizá-lo e distingui-lo dos outros fenômenos e ao mesmo tempo estabelecer associações entre eles. Nas escritas o tempo, o espaço, o lugar, a causa, o objeto e a qualidade misturaram-se para que o pensamento pudesse ultrapassar os conhecimentos da própria experiência, isto é, a partir do conhecido para o desconhecido e tentar definir o movimento do vento proposto na tarefa. Para Wallon, a criança não consegue imaginar um tempo diferente daquele em que vive, daí a aparente incoerência entre a ação e o resultado, em diferentes tempos, que aparecem em muitas redações: a) a criança desconhece o sol como a origem do dia, e sim através do calor emitido pelos seus raios, portanto, serve apenas para sentir calor. Ex: ...”o vento é para sair o calor que nós tem...”b) o vento passou por sucessivas mudanças na organização dos pares por não estar ainda definido em conceitos: c) a explicitação entre os termos de cada par foi sempre dada, pela criança, para especificar sua conveniência de pensamento: d) a maioria das crianças em saltos globais e parciais da imaginação, fez associações em fabulações absurdas ou místicas, outras concordantes com a realidade: e) nos textos das crianças parte da escrita corresponde aos seus devaneios, as suas fantasias ou ficção imposta pelo adulto. Como a fabulação não pode ser ordenada ou prevista, ela seguiu sempre a oportunidade que o pensamento ofereceu à imaginação da criança quando escreveu, porque ela não sabe ainda distinguir o que é real e o que é imaginário, deixando-se levar por associações que possam valorizá-la ou dar-lhe satisfação.

Conclusão - Foi minha preocupação com as crianças excluídas do processo educacional, ou submetidas a ele com sofrimento, em decorrência dos chamados “problemas de aprendizagem” que me aproximou da teoria walloniana. Wallon, ao trabalhar com a pessoa total – movimento, emoção, cognição e enfatizar a importância do meio mostrou-me uma forma diferente de entender os “problemas de aprendizagem”. Daí meu interesse como

professora e alfabetizadora, em aprofundar meu conhecimento sobre a sua teoria. Acreditava que, esmiuçando o desenvolvimento do pensamento da criança no período de alfabetização (no qual muitos dos “problemas de aprendizagem” são instalados) eu teria maiores possibilidades de sucesso e conseqüentemente teria subsídios para discutir com outros professores, enquanto professora - formadora. O título da redação “Era um vento”, por assonância levou as crianças a produzirem textos do tipo narrativo com começo, meio e fim, mas com o aspecto de “contos”. Vários textos trazem marcas da oralidade desses contos que analisei como fabulação.

Bibliografia

ALENCAR, E.S. (Org.) – Novas Contribuições da Psicologia aos Processos de Ensino e

Aprendizagem. 2ª- edição, São Paulo: Cortez, 1992.

BALDWIN, A. L. – Teorias do Desenvolvimento da Criança. São Paulo: Cadernos de

Pesquisa, (74), 1990.

Dantas, H. – A Infância da Razão – uma introdução à Psicologia da Inteligência de

Henry Wallon. São Paulo: Editora Manole, 1990.

_____ - **Origens do pensamento na criança. Palestra proferida na PUC-SP em**

3-10-97, Mimeo.

GROSSI, E. P. – Piaget em sala de aula, uma meta longínqua. In: Freitag (Org.)

Piaget 100 anos. São Paulo: Cortez, 1997.

WALLON, H. – As origens do caráter da criança . Tradução de Dantas,H. São Paulo:

Nova Alexandria, 1995.

_____ As origens do pensamento na criança. São Paulo: Manole, 1989.

_____ Psicologia e educação da infância, Lisboa: Editorial Estampa,1975.

_____ O papel do outro na consciência do eu. In: Werebe, M.J. e Nadel

Brulfert, J., Henri Wallon . São Paulo: Ática, 1986.

_____ **A psicologia genética. In Wallon, H. Psicologia e educação da infância**

Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

SIQUEIRA, Ana Maria de Paula (PUC-SP)

- Investigando o pensamento da criança de oito anos- contribuição de Henri Wallon.
Pesquisa financiada pelo CAPES.
GT : Psicologia da Educação.

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi investigar o pensamento da criança de oito anos, denominado por Wallon de pré- categorial. Os alunos de segunda série do ensino fundamental de uma escola estadual, na Zona Leste de São Paulo, foram os sujeitos da pesquisa. Os dados foram coletados a partir da produção de textos do tipo narrativo com o tema “Era um vento..”, produzidos por noventa e seis crianças que apresentam domínio do sistema alfabético de representação da escrita. Foram analisados, em vinte e seis textos, os meios e as tarefas de que se vale a criança nos primórdios da inteligência discursiva à luz da psicogenética walloniana. A análise dos dados da pesquisa levou a um aprofundamento da compreensão do desenvolvimento intelectual da criança de oito anos.